

A INTELIGÊNCIA MILITAR COMO FUNÇÃO DE COMBATE NAS OPERAÇÕES DE MANUTENÇÃO DA PAZ

Coronel Paulo Caetano Martins de Oliveira

O Coronel de Cavalaria Paulo Martins é o comandante do 8º Batalhão Logístico, sediado em Porte Alegre - RS. Foi declarado aspirante-a-oficial em 1990. Além dos cursos de aperfeiçoamento e de altos estudos, possui o Curso Intermediário de Inteligência. Sua experiência profissional na atividade inclui, além das funções de analista de inteligência e contrainteligência, o comando de grupos de inteligência no Comando Militar do Nordeste (CMNE) e no Comando Militar do Sul (CMS). Chefiou a Célula de Inteligência (G2) do 2º Batalhão de Infantaria de Força de Paz do 16º Contingente Brasileiro (BRABAT2/16) da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH) (pgffc90@gmail.com).



“Conheça o inimigo e a si mesmo e você obterá a vitória sem qualquer perigo; conheça o terreno e as condições da natureza e você será sempre vitorioso.”

Sun Tzu

O presente trabalho aborda o emprego da seção de inteligência, denominada célula G2, do estado-maior do 2º Batalhão de Infantaria de Força de Paz do 16º Contingente Brasileiro (BRABAT2/16), a qual teve a oportunidade de colher valiosos ensinamentos durante mais de sete meses de missão real em solo haitiano. Inicialmente, apresenta como foi organizada e estruturada a célula para o cumprimento da missão, enfatizando a integração dos dados obtidos pelas diferentes fontes, ainda na fase do preparo. Em seguida, destaca a importância da inteligência militar como uma das seis funções de combate, com a busca constante da interoperabilidade entre a célula G2 e as demais seções, visando a assegurar ao comandante a consciência situacional necessária para

a tomada de decisões. A seguir, comenta uma inovação denominada Roda Análise de Padrões, *Pattern Analysis Wheel (PAW)* em inglês, utilizada pelo analista de imagens da célula, como importante ferramenta de apoio ao processo decisório, a qual garantiu informações confiáveis e atualizadas sobre o ambiente operacional. Apresenta, ainda, o planejamento de contingência elaborado face à incidência de desastres naturais, haja vista a passagem de dois furacões durante o emprego do BRABAT2/16. Portanto, o artigo é dedicado ao estudo no nível de execução direta da tropa, o tático. Este trabalho não encerra, por si, as lições sobre o assunto, mas permite subsidiar a aplicação da inteligência militar como função de combate indiscutível para o sucesso das operações de paz em que o Brasil se faça representar pelo seu valoroso Exército.

A INTEGRAÇÃO DE DADOS

A atividade de inteligência exerce papel fundamental no apoio às Operações de Paz, particularmente nas operações de *peacekeeping*, em que os conflitos frequentemente tomam lugar entre múltiplas facções armadas, com diferentes objetivos políticos e linhas de comando fraturadas.

Há mais de dez anos em solo haitiano, o Exército Brasileiro participa ativamente da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH) destacando-se na manutenção do ambiente seguro e estável naquele país. O atual cenário do Haiti pressupõe a continuidade do apoio de inteligência como ferramenta indispensável

para a manutenção da operacionalidade do componente militar. Em que pese não haver definição formal de um inimigo declarado, os conhecimentos obtidos acerca da área de responsabilidade, *Area of Responsibility* (AOR) em inglês, tornam-se fundamentais para a proatividade na execução das missões táticas em todos os escalões.

Para executar as tarefas inerentes ao sistema de inteligência, o batalhão possui uma célula de inteligência (G2) no estado-maior. Tal seção é responsável por estabelecer e propor ao comandante as suas necessidades de inteligência, coletar dados e produzir conhecimentos, além de antecipar possíveis ações hostis contra a própria Força de Paz, contra as instalações e o patrimônio do organismo internacional e, também, contra a população civil da área da missão.

Desde a fase do preparo, os conhecimentos reunidos nos documentos norteadores do emprego do BRABAT para o cumprimento de sua missão devem ser constantemente atualizados, ainda no Brasil, pela célula G2. Citam-se como exemplo destes documentos: o Repertório de Conhecimentos Necessários; o Estudo de Situação de Inteligência; e o Anexo de Inteligência à Ordem de Operações emitida pelo comandante, por ocasião da ativação do batalhão. A célula G2 é chefiada por um oficial superior e constituída por oficiais adjuntos e sargentos. Seu propósito é realizar a gestão da atividade de inteligência, com encargos referentes à (ao):

- produção de conhecimentos que subsidiem, oportunamente, a tomada de decisões;
- levantamento de possíveis ameaças contra

a tropa, as instalações e o material utilizado;

- identificação de vulnerabilidades e deficiências do sistema de segurança, com relação às ameaças levantadas, propondo ao comando as medidas apropriadas;
- realização do esforço na coleta de dados, a fim de manter permanentemente atualizado o estudo de situação de inteligência; e
- atualização das informações acerca das forças adversas existentes e das condições do terreno na AOR do Batalhão.

Para tal, desde a fase do preparo, ainda em solo brasileiro, adotou-se uma estrutura organizada em subcélula de inteligência, subcélula de contrainteligência e subcélula de imagens e sinais, aproveitando-se a especialização dos seus integrantes e a experiência adquirida ao longo da carreira.

De acordo com o C 100-5 (Operações), "Todos os elementos envolvidos na operação devem ser previamente habilitados e selecionados por sua aptidão específica para cada caso.". Assim, corroborando com a importância da inteligência humana, o emprego de pessoal especializado e com experiência no desempenho das funções inerentes a cada subcélula citada mostrou-se fundamental para a celeridade na obtenção dos dados, na medida em que conferiu maior grau de certeza à elaboração de cenários e ao próprio trabalho mental para levantar as possibilidades das forças adversas e suas deficiências.

Dessa maneira, tal subdivisão permitiu integrar, dentro da limitação tecnológica possível, os dados provenientes de fontes diversas (humanas, sinais e imagens), otimizando-se o que se pode chamar de novo

A atividade de inteligência exerce papel fundamental no apoio às Operações de Paz, particularmente nas operações de *peacekeeping*, em que os conflitos frequentemente tomam lugar entre múltiplas facções armadas, com diferentes objetivos políticos e linhas de comando fraturadas.

ciclo do conhecimento. Neste ciclo, observa-se o surgimento da fase de obtenção, em que RAMIRES (2013) enfatiza o emprego da fonte humana na realimentação do processo, ao atestar que “Aliado às plataformas de obtenção e aos diversos sensores à disposição da inteligência, o homem volta a integrar-se no processo, gerando dados qualitativos...”.

As necessidades de inteligência devem englobar todos os conhecimentos indispensáveis para o preparo da unidade, ainda em território nacional, e para o emprego, na área onde cumprirá a missão. Nesse contexto, é imperioso que sejam transmitidos conhecimentos atualizados para o comando (Cmnd) da unidade, constituído pelo comandante (Cmt) e seu estado-maior (EM), e para os comandantes de subunidades (Cmt SU) acerca das expressões do poder e das forças adversas com potencial para contraporem-se às atividades da MINUSTAH.

Já em solo haitiano, como primeiras atividades foram realizados reconhecimentos aéreos em toda a AOR pelos componentes da célula, em particular pela subcélula de imagens, com sobrevoos de baixa e média alturas e reconhecimentos terrestres,

diurnos e noturnos, cujo objetivo inicial foi a identificação dos itinerários de acesso para os pontos de maior interesse do batalhão. Um exemplo muito claro da importância destes reconhecimentos, foi a utilização dessas vias de acesso por patrulhas e equipes médicas, para dar suporte à população durante situações de desastres naturais.

O apoio de aeronaves de asa rotatória, por parte do componente militar chileno e argentino da MINUSTAH, mostrou-se significativo como plataforma de observação e monitoramento, com o estabelecimento de um canal de comunicações terra-ar. Desta forma, os dados eram recebidos, confirmados e transmitidos em tempo imediato, tornando possível a realimentação do processo ao comando do Batalhão.

Assim, buscou-se orientar de forma permanente as demais seções com a preocupação de se estabelecer necessidades de conhecimento inerentes às missões específicas de cada uma, de acordo com as suas peculiaridades. Pode-se exemplificar esta interoperabilidade, com os trabalhos desenvolvidos com a Seção de Inteligência, denominada célula G4, se considerarmos sua

necessidade de conhecer as principais vias que davam acesso aos locais das bases destacadas do batalhão e de suas tropas vizinhas; os principais pontos sensíveis que poderiam ser utilizados nos casos de desastres naturais e calamidades; e as características do terreno que pudessem influir em determinada operação logística.

Fundamental no levantamento de dados, o comandante deve considerar a célula G2 na execução das atividades



de Cooperação Civil-Militar, *Civil-Military Cooperation (CIMIC)* em inglês. Estas, por seu turno, revestem-se de meticoloso planejamento, haja vista seu papel como multiplicador de forças no restabelecimento e na manutenção da paz em determinada região da AOR. Imprescindíveis se fazem, portanto, as informações acerca dos atores com potencial para configurar ameaças, a fim de dar suporte ao conjunto de ações a serem realizadas, antes, durante e após uma atividade de CIMIC.

Nas primeiras semanas do emprego, é vital que o oficial chefe da célula G2 conheça o chefe do Centro Conjunto de Análises da Missão, *Joint Mission Analysis Centre (JMAC)* em inglês, e o chefe e componentes da Seção de Inteligência do Estado-Maior da MINUSTAH, denominada célula U2, pois são os principais contatos do setor de inteligência da MINUSTAH, além do staff do componente militar. Durante o emprego, deve-se manter ativado um canal técnico entre a célula G2 e esses indivíduos, ampliando-se o escopo de conhecimentos da AOR.

Para o acompanhamento dos principais atores presentes na AOR, também foram utilizadas as fontes abertas, valendo-se da internet, da mídia televisiva e de rádios locais. Para a obtenção destes dados coletados, foram utilizados intérpretes haitianos, os quais apresentavam diariamente um resumo das principais notícias.

O fator linguístico deve ser considerado como uma dificuldade a ser vencida, em que pese a existência de intérpretes militares, habilitados no idioma francês, mas com limitações para serem empregados em quantidade suficiente e, ainda, para compreender, em certas ocasiões, a língua mais utilizada atualmente, o crioulo haitiano, também conhecida como *créole*. Assim, torna-se necessária a presença de haitianos cadastrados para auxiliarem os intérpretes, os quais também se constituem em valiosas

fontes, por residirem na própria região. Entretanto, cabe à célula G2 processar e analisar esses dados de forma criteriosa, dando-lhes a devida avaliação, antes de sua difusão.

Outra importante e valiosa fonte que deve ser utilizada pela célula G2, particularmente na fase de obtenção de dados, é o Destacamento Operacional de Forças Especiais (DOFEsp), por contar com equipamentos específicos e pessoal altamente capacitado. Esse, por sua vez, possui dentre as suas atribuições doutrinárias a possibilidade de cooperar com as autoridades militares em atividades de inteligência e contrainteligência. Portanto, o DOFEsp reúne condições muito favoráveis para ser empregado com a célula G2, sendo necessário um planejamento conjunto adequado para cada tipo de missão ou de capacidade. Por outro lado, especialistas da célula G2 podem ser destacados junto ao DOFEsp, quando as necessidades excedem as possibilidades ou o grau de especialização do destacamento.

Para a execução de reconhecimentos especializados e coleta de dados, os militares da célula devem também, sempre que possível, aproveitar as patrulhas das subunidades do BRABAT, valendo-se da segurança propiciada por essas frações e pelo ocultamento das próprias funções dos integrantes da célula G2, particularmente quando sua identidade for conhecida por elementos das forças adversas.

Para que tal trabalho seja eficaz, deve-se elaborar um planejamento criterioso de forma a integrar o chefe da célula G2, o chefe da célula G3 (operações) e os Cmt das respectivas SU responsáveis pela correspondente zona de ação. O planejamento tático, nesta situação, é elaborado até o nível da fração executante, com a realização de *briefings* entre os oficiais e sargentos das patrulhas e os componentes da célula G2, de modo a buscar a perfeita integração de procedimentos e sua coordenação.

FERRAMENTAS DE APOIO AO PROCESSO DECISÓRIO

De acordo com o preconizado na Nota de Conhecimentos Doutrinários Fundamentos da Atividade de Inteligência Militar Terrestre (2013), no nível tático a inteligência deve “gerar conhecimentos e produtos capazes de apoiar diretamente o processo decisório dos comandantes táticos...”. Assim, foi possível produzir conhecimentos específicos e produtos sobre uma determinada área geográfica, mediante planejamento detalhado e integrado com as demais células, por meio das diferentes fontes humanas (HUMINT, sigla em inglês) de obtenção de dados, caracterizadas pelos componentes da equipe G2; pelo DOFEsp; por militares integrantes de patrulhas; e até mesmo por colaboradores locais.

Para otimizar tal planejamento, o analista

de imagens da célula G2 implantou o uso de importante ferramenta informatizada de gestão, denominada PAW, a qual assegurou informações confiáveis e atualizadas para o estado-maior. Trata-se de um registro cronológico que mostra determinadas atividades de indivíduos ou de grupos, associadas com os horários em que são executadas, permitindo armazenar e exibir grandes quantidades de informação em pouco espaço. Ao registrar-se a cronologia (dia e horário) em que aconteceram as atividades ou os incidentes, obtêm-se um padrão do tipo da atividade representada.











O espaço de tempo a ser representado é definido pelo analista, podendo ser semanal, mensal ou até anual. Depois de definido o espaço temporal e com a PAW preenchida, o analista tem melhores condições de gerenciar as atividades desenvolvidas na AOR.

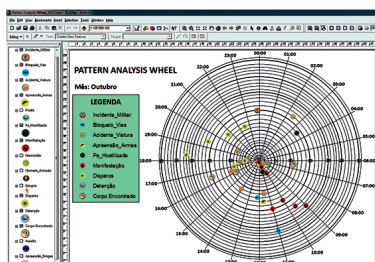
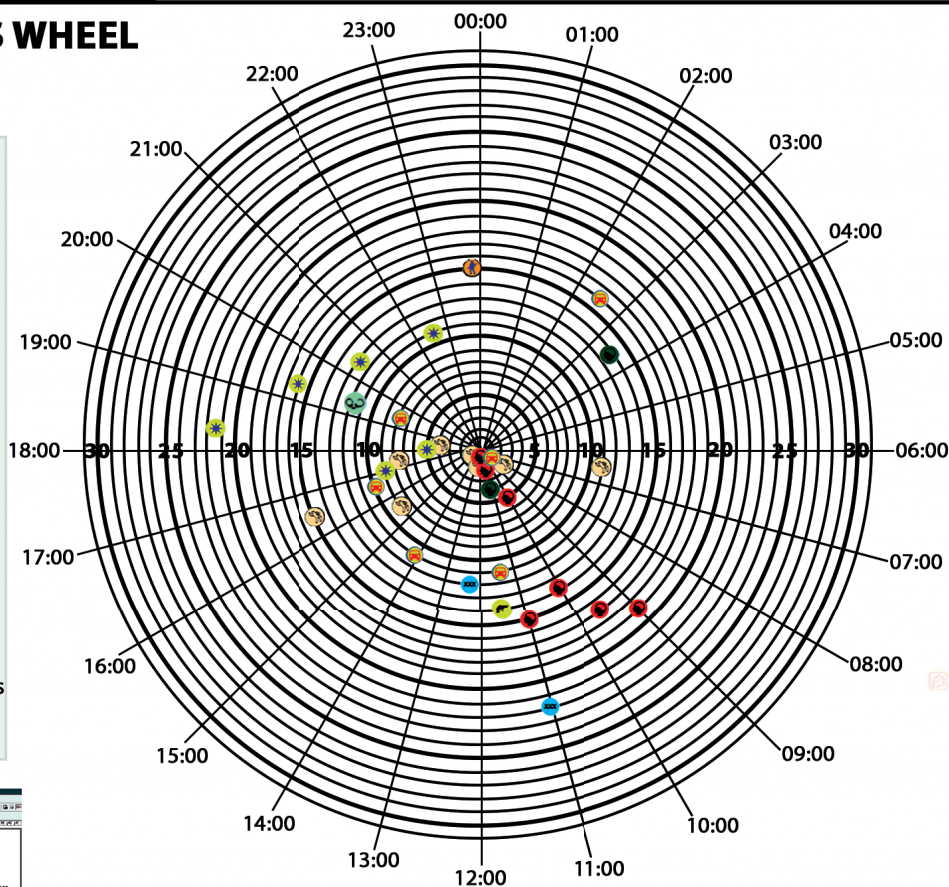
Pattern Analysis Wheel_out.mxd - ArcMap - ArcInfo (PAW)

PATTERN ANALYSIS WHEEL

Mês: Outubro

LEGENDA

-  Incidente militar
-  Bloqueio de vias
-  Acidente com viatura
-  Apreensão de armas
-  Patrulha hostilizada
-  Manifestação
-  Detenção
-  Disparos
-  Corpo encontrado
-  Circunferências: Dias do mês
-  Retas: Horário



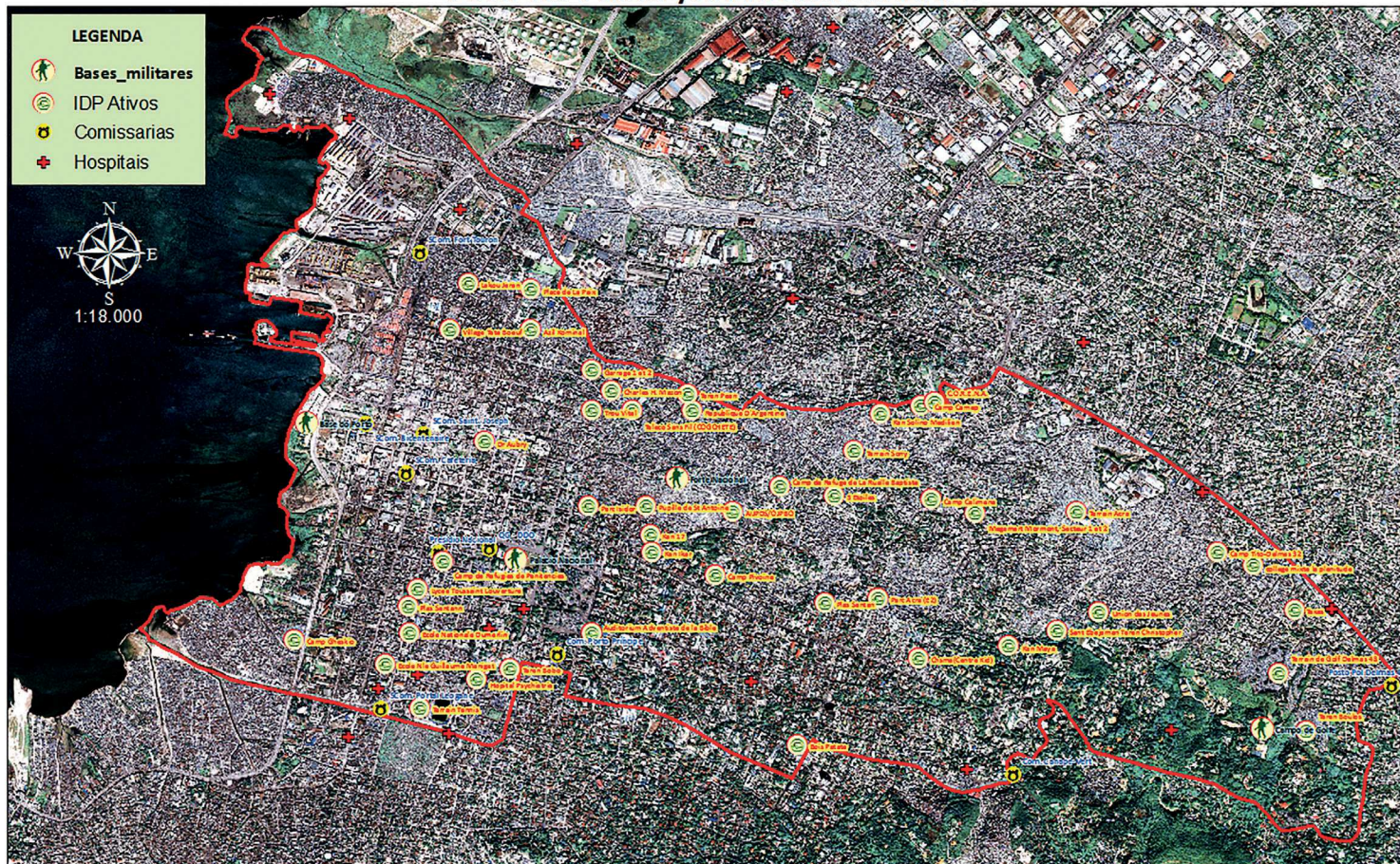
No exemplo apresentado foi utilizado o *software ArcGis*, por facilitar a criação de várias atividades criminais em um único documento, podendo ter como produto final um grupo específico de atividades representadas, ou definir aquela em que se deseja aprofundar o estudo. Os dias de um determinado mês são representados por cada círculo concêntrico. Por seu turno, as horas equivalentes estão graficamente indicadas pelas retas.

Complementando-se a análise com o uso do mapeamento de uma AOR feito por meio do sistema de informações geográficas

(ou georreferenciadas), pode-se chegar a conclusões dos locais e períodos em que determinado evento vem ocorrendo, com maior frequência ou rotineiramente, permitindo a elaboração de uma análise de risco e o planejamento integrado do estado-maior para ações com o emprego de tropa.

O principal *software* utilizado para a espacialização de dados é o ArcGis, que é composto por três aplicativos diferentes: o *ArcMap*, o *ArcCatalog* (semelhante a um *Windows Explorer* para dados espaciais) e o *ArcToolbox* (conjunto de ferramentas de conversão de dados).

PORT-AU-PRINCE/HAITI: AOR BRABAT 2



Exemplo de mapeamento de eventos.

O uso dessas ferramentas de imagens, associadas ao *google earth*, permite ao analista expor ao estado-maior e ao comandante uma visão georreferenciada dos eventos no ambiente operacional. Assim, é

possível obter-se a digitalização do espaço de batalha, com a integração de três ambientes na inteligência militar: o dos dados obtidos pelos diferentes sensores (patrulhas, militares da célula G2 e outras fontes); o

trabalho de análise feito pela célula G2 com a obtenção, produção, orientação e difusão; e o do comando e controle (C2), com o estudo de situação do EM e a elaboração do Processo de Integração Terreno Condições Meteorológicas Inimigo e Considerações Civis (PITCIC).

PARTICIPAÇÃO NAS AÇÕES FRENTE AOS DESASTRES NATURAIS

A incidência de desastres naturais é latente no Haiti e retarda, a cada ano, o desenvolvimento social e econômico do país, além de causar inúmeras mortes e dilacerar famílias. Durante o emprego, o contingente brasileiro deve estar preparado para vivenciar esta situação, como o que ocorreu por duas vezes, com o BRABAT 2/16, com a passagem dos furacões *Isaac e Sandy*.

A principal responsabilidade do componente militar da MINUSTAH é assegurar um ambiente seguro e estável nas áreas afetadas. O foco primário deve ser garantir que qualquer nível de ameaça apresentada por indivíduos e/ou grupos ilegalmente armados esteja suficientemente reduzido para permitir que o Governo Haitiano, agências da Organização das Nações Unidas (ONU), organizações internacionais, organizações não governamentais (ONG) e componentes da MINUSTAH atendam à população necessitada e conduzam atividades humanitárias.

Para atender em melhores condições o cumprimento da missão, o comando do batalhão abriu um gabinete de crise específico para o acompanhamento da situação. Destarte, tornou-se vital a atualização de conhecimentos que permitissem a correta elaboração do cenário nas áreas de interesse e de influência do batalhão, visando ao seu pronto emprego na mitigação das

consequências dos eventos causadores de desastres naturais.

Partindo-se de tal premissa, é necessária a elaboração de um plano detalhado contendo a avaliação de riscos dos desastres naturais, com uma síntese acerca da probabilidade de ocorrência dos eventos (tempestade, furacões, tsunamis, deslizamentos, terremotos, enchentes) e o conseqüente grau de impacto na população, nas infraestruturas existentes e, também, na própria tropa. Na elaboração deste plano, cabe à célula G2 as seguintes tarefas:

- integrar o gabinete de crise aberto pelo batalhão, provendo os conhecimentos de inteligência necessários;

Destarte, tornou-se vital a atualização de conhecimentos que permitissem a correta elaboração do cenário nas áreas de interesse e de influência do batalhão, visando ao seu pronto emprego na mitigação das consequências dos eventos causadores de desastres naturais.

- planejar e executar atividades de inteligência integradas com todos os órgãos disponíveis, a fim de monitorar qualquer informação que influencie a opinião do público em geral ou das autoridades haitianas sobre prontidão para um desastre natural;

- acompanhar diariamente a previsão do tempo e as avaliações de risco ou ameaça;

- verificar vulnerabilidades na infraestrutura básica no interior da AOR do batalhão (pontes, hospitais, estações de tratamento d'água, centrais de energia, etc); e

- monitorar todas as informações que possam influenciar as atividades desenvolvidas pelas frações do BRABAT, particularmente no que se refere às forças adversas.

FASES DO PLANEJAMENTO

O BRABAT, mantendo o ambiente seguro e estável em sua AOR, participa do apoio prestado pela MINUSTAH ao Governo do Haiti, atuando de forma rápida para responder às solicitações de assistência humanitária,

dentro ou fora de sua AOR, em cooperação com outros contingentes militares, organizações locais e internacionais. Este processo de apoio permite sua condução em cinco fases, que por sua vez poderão sobrepor-se: preparação ; alerta e desdobramento preventivo; desdobramento inicial; apoio e desdobramento completo; e retorno à situação anterior ao desastre.

Preparação

Compreende o planejamento detalhado e coordenação de todos os aspectos de apoio militar a operações humanitárias de responsabilidade da MINUSTAH e de seus parceiros, bem como as contingências relacionadas para enfrentar um desastre natural. Inclui também todas as ações locais a serem adotadas para proteger pessoal, bens e instalações militares dos efeitos de desastres naturais ou causados pelo homem.

Como servidões que poderão constar nesta fase, cita-se:

- reconhecer, sistematicamente, os locais e órgãos existentes na área de responsabilidade, tais como setores ligados à saúde, ONG, setores da Polícia Nacional Haitiana (PNH) e outros, emitindo parecer sobre sua adequabilidade para o caso de catástrofes naturais e propondo alternativas viáveis; e
- apoiar o planejamento de campanhas de conscientização da população local, visando à preparação para situações de emergência.

Na preparação, considera-se, ainda, a listagem dos recursos disponíveis no BRABAT que podem ser utilizados para satisfazer as necessidades humanitárias.

Alerta e Desdobramento Preventivo

Essa fase tem início com a previsão de um possível desastre natural. Inclui todas as atividades relativas ao monitoramento de tempestades e seus possíveis impactos no país, especialmente na AOR do BRABAT, ações de coordenação com a MINUSTAH, estudo sobre pré-desdobramento de pessoal e equipamento para atender às necessidades

estratégicas e o aumento das atividades de prevenção. A célula G2 deve tomar por base as seguintes tarefas a serem executadas pelo batalhão:

- apoio à conscientização da população em áreas críticas, conduzida pelas agências da ONU;
- divulgação de informações à população sobre áreas de risco e apoiar as forças de segurança pública nos casos de evacuação preventiva;
- realização de ações de demonstração de força nas áreas afetadas, como dissimulação face à forças adversas que pretendam se aproveitar da crise; e
- proteção de infraestruturas básicas (pontes, hospitais, estações de tratamento d'água, centrais de energia, etc).

Desdobramento Inicial

Essa fase tem início com a ocorrência do desastre natural. Ela compreende as atividades relacionadas à avaliação dos danos nas áreas afetadas, à seleção de meios disponíveis e infraestrutura logística para gerenciar a situação, ao estabelecimento de áreas de controle sob a proteção militar e à manutenção do ambiente seguro e estável na AOR do Batalhão. Essa fase inclui a resposta rápida e necessária do componente militar, conforme as necessidades e prioridades identificadas pela MINUSTAH, em coordenação com o Governo Haitiano. Essa fase terminará quando as forças militares tiverem o controle da situação de segurança e quando as tropas militares começarem a apoiar as atividades humanitárias, se necessário.

Apoio e Desdobramento Completo

Essa fase ocorre durante as primeiras 24 horas do evento. Inclui as atividades necessárias para a provisão de apoio militar às operações humanitárias. A fase termina com a restauração da infraestrutura básica e quando as agências humanitárias não mais necessitarem do apoio do componente militar da MINUSTAH para a segurança das ações desenvolvidas. Como servidões a serem

executadas pelo BRABAT nesta fase:

- prover assistência humanitária, em colaboração com agências da ONU;
- prover segurança de pessoal e instalações;
- prover segurança de pessoal e instalações; e
- participar de operações de busca e salvamento.

Retorno à Situação Anterior ao Desastre

Consiste na transferência de responsabilidade para as agências humanitárias e no retorno à postura de emprego anterior.

CONCLUSÃO

Sob a ótica da inteligência, o presente trabalho objetivou apresentar o emprego da célula G2 do BRABAT2/16 e indicar sugestões no que se refere à atividade de inteligência militar de uma organização militar constituída, nas missões internacionais de manutenção da paz.

Por ocasião da fase do preparo, cabe uma primeira observação significativa no tocante à seleção do pessoal, a qual mostrou-se impactante para o cumprimento das tarefas da célula: todos os integrantes da célula G2 devem ser especialistas e com experiência na atividade de inteligência, o que trará reflexos altamente positivos à produção de conhecimentos necessários, oportunos e confiáveis.

Antes mesmo do deslocamento para o país de destino e do conseqüente emprego da tropa, deverão ser desenvolvidas atividades permanentes de acompanhamento dos eventos, visando à atualização constante do cenário, da própria situação de paz e dos atores que possam vir a representar

ameaças potenciais contra a missão. Além disso, os contatos com a célula G2 da unidade sucedida deverão ser intensificados, de forma a proporcionar o alerta antecipado ante a possibilidade de concretização dessas ameaças, colher experiências e melhores práticas e transferir conhecimentos.

Outro significativo ensinamento foi a busca constante do planejamento realizado de forma conjunta com as demais células, de acordo com a peculiaridade da missão a ser cumprida. Seguindo-se a premissa de que qualquer operação militar é precedida de levantamento criterioso de conhecimentos, deve ser considerada a ativação de uma central de operações. Esta, por sua vez, constituída por representantes de cada célula com envolvimento direto ou indireto na tarefa, de modo a permitir o acompanhamento permanente das ações e a pronta resposta às ameaças que se apresentarem, será a responsável pela integração dos conhecimentos obtidos pelas diferentes fontes.

As subunidades do BRABAT empregam patrulhas para obter e difundir dados, porém não possuem meios para analisá-los. Na fase de produção do conhecimento, valendo-se do produto obtido pelas fontes disponíveis, a célula G2 deve ser capaz de produzir apreciações, devendo buscar, prioritariamente, a identificação das ameaças com potencial para interferir nos interesses da missão de paz, assim como situações que possam afetar significativamente o país considerado, dentro da área de interesse do batalhão, com o correspondente nível de confiabilidade para a tomada de decisões.

Destaca-se a necessidade de conscientização de todos os militares como sensores ativos e da sistematização da transmissão imediata de todas as informações obtidas aos militares especializados da célula G2, a fim de produzir conhecimentos para subsidiar o comandante.

Destaca-se a necessidade de conscientização de todos os militares como sensores ativos e da sistematização da transmissão imediata de todas as informações obtidas aos militares especializados da célula G2, a fim de produzir conhecimentos para subsidiar o comandante.

Além da participação ativa nesse nível, a célula de inteligência possui papel preponderante, também, no nível operacional, identificando ameaças e possibilidades das forças adversas. Nesse contexto, em face da indefinição das ameaças, conclui-se que a

função de combate inteligência constitui-se no grande mecanismo de realimentação e atualização da consciência situacional do decisor, a qual será valorizada pela integração das informações no estado-maior.

Para que um comandante de contingente militar tenha efetivas condições de empregar o poder militar, decidindo em perfeita sintonia com as particularidades do cenário de amplo espectro moderno, necessitará sempre de conhecimentos permanentes, confiáveis e oportunos, os quais lhe permitirão obter a superioridade de informações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. Estado-Maior. Manual de Campanha C 100-5. Operações. 3.ed. Brasília, DF. EGGCF. 1997.

_____. Nota de Coordenação Doutrinária nº 4. Fundamentos da Inteligência Militar Terrestre. Brasília, DF. 2013.

RAMIRES, Carlos Augusto . O Combatente e o Ciclo de Inteligência. Doutrina Militar Terrestre em Revista. 2.ed. Brasília, DF. 2013.

FORD, Major General Tim, - Commanding UN Peacekeeping Operations. 2008. 282 f. Peace Operations Training Institute - Williamsburg, VA 23185 USA. Disponível em: <http://www.peaceopstraining.org/poti-courses.s3.amazonaws.com/CPO_PT_B.pdf>. Acesso em: 02 nov 2012.

DORN, Walter A. Intelligence-led Peacekeeping: The United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH), 2006-07. Intelligence and National Security. Vol.24, Nr 6, pp.805-835, December 2009. Disponível em www.walterdorn.org/pub/53 . Acesso em: 22 jul 2013.